

REVISTA

# DIAKONIA

“Servindo a quem foi chamado a servir”



# A GRANDE COMISSÃO

E A IGREJA  
CONTEMPORÂNEA

[www.revistadiakonia.org](http://www.revistadiakonia.org)

Edição 16ª | SETEMBRO-OUTUBRO 2024

Um projeto Instituto João Calvino





REVISTA

# DIAKONIA

“Servindo a quem foi chamado a servir”

**Editor:** Jim Witteveen, Jonathan Chase

**Tradução:** Jonathan Chase

**Revisão:** Saulo Melo

**Projeto Gráfico:** Saulo Melo

**Diagramação:** Saulo Melo

**Website:** Saulo Melo

**Ilustração da capa:** Saulo Melo

**Imagens:** Pexels.com, Unsplash.com, Freepik.com.

**[contato@revistadiakonia.org](mailto:contato@revistadiakonia.org)**



INSTITUTO  
**JOÃO CALVINO**

O Instituto João Calvino é o seminário oficial das Igrejas Reformadas do Brasil. O IJC oferece o curso teológico completo para homens que buscam a ordenação como Ministros da Palavra. Localizado na Rua José Veríssimo nº 777, Aldeia, km 8 - Camaragibe - PE. CEP: 54789-080.

Acesse o site: [www.institutojoaocalvino.org](http://www.institutojoaocalvino.org).

Acesse as edições anteriores em [revistadiakonia.org/edicoes](http://revistadiakonia.org/edicoes). Acompanhe mensalmente também as publicações de artigos em nosso site. [www.revistadiakonia.org](http://www.revistadiakonia.org)

A revista Diakonia é uma publicação bimestral do Instituto João Calvino. Os pontos de vista expressos nesta revista refletem os juízos pessoais dos autores, não representando necessariamente a posição de seus editores. Os direitos de publicação desta revista são do Instituto João Calvino. Permite-se reprodução desde que citada a fonte e o autor.

**Copyright 2024 - Instituto João Calvino. Todos os direitos reservados.**

# Sumário



*Jonathan Chase*

Editorial

03



*Jonathan Chase*

Todo cristão  
é chamado a  
evangelizar?

06



*Lawrence W. Bilkes*

Um coração para  
o evangelismo

11



*J. Mark Beach*

O evangelismo  
"Sensível ao que  
busca"

16



*J. Wesley White*

O método de  
evangelismo de  
Paulo

36



*P. Andrew Sandlin*

Um novo  
evangelismo:  
Um alerta

41



*Brian G. Najapfour*

O papel do  
pastor no  
evangelismo

47

Acesse as edições anteriores  
em [revistadiakonia.org/edicoes](http://revistadiakonia.org/edicoes).  
Acompanhe mensalmente também  
as publicações de artigos em nos-  
so site. [www.revistadiakonia.org](http://www.revistadiakonia.org).

# Editorial

Recentemente, eu assisti a um discurso de um pastor pentecostal que fez o argumento de que a doutrina calvinista, além de não ser bíblica, é fatal para o evangelismo. Afinal, se já está determinado quais são os eleitos, e se Deus salva o homem soberanamente, não há motivo para sair do nosso conforto para evangelizar. Então, para demonstrar a legitimidade do seu argumento, este pastor apontou o fato de que as igrejas Reformadas não têm campanhas evangelísticas.

Certamente, se examinarmos a questão historicamente, teríamos que dizer que este argumento não se sustenta. Quem já leu os sermões de Charles Spurgeon, de Jonathan Edwards, ou de George Whitefield, sabe que suas convicções calvinistas nunca foram um impedimento para o seu zelo missionário. Já ouviu falar de William Carey, missionário na Índia e conhecido como o pai do movimento missionário moderno? Ou de Adoniram Judson, missionário na Birmânia? Sim, também eram calvinistas. O próprio João Calvino enviou missionários para o Brasil, que em



**Jonathan Chase** é pastor missionário enviado pelas Igrejas Reformadas do Canadá para servir no Brasil. É diretor e professor do Instituto João Calvino.

1558 foram martirizados na Baía de Guanabara. Os holandeses reformados que colonizaram o nordeste no século XVII também foram muito ativos na área de missões, e ainda um século depois que eles foram expulsos pelos portugueses, estes reclamaram de aldeias indígenas infectadas com a “heresia” calvinista. Enfim, o argumento de que a doutrina calvinista sufoca o zelo missionário fracassa historicamente e até teologicamente. A soberania de Deus não nega a responsabilidade humana. Podemos admitir que muitos calvinistas professos têm usado sua

teologia como uma justificativa para a inação, assim como os cristãos de todas as persuasões teológicas usam uma desculpa ou outra. Mas diríamos a eles o que dizemos a todos: isso não é um argumento válido. Deus nos deu as nossas ordens, e devemos ser zelosos para cumpri-las, não somente por uma questão de obediência ao Senhor, mas também motivados por compaixão por nosso próximo perdido.

Deve ser observado também que muitos missionários calvinistas relataram que foi justamente sua convicção na soberania de Deus que os fez persistir em situações que humanamente pareciam impossíveis, e os preservou do desânimo quando não viram muitos resultados. A convicção de que a conversão do coração do homem não é uma obra humana e não depende de nossas próprias habilidades nos encoraja a ser fiéis ao nosso chamado missionário, não obstante nossas próprias fraquezas.

Ao mesmo tempo, o argumento feito por este pastor pentecostal não é totalmente sem substância. É verdade que as igrejas reformadas geralmente não fazem grandes campanhas evangelísticas ou “cruzadas” no estilo moderno, e têm criticado esta prática como

sendo defeituosa. Da mesma forma, elas têm rejeitado em grande parte o movimento “sensível ao que busca” que tem transformado o culto de muitas igrejas modernas. Mas, para entender estas preocupações, temos que cavar um pouco mais fundo e examinar o que é o evangelismo bíblico e quais são os seus objetivos.

Com esta edição da Revista Diakonia, não queremos apenas apresentar as nossas críticas, muito menos defender a nós mesmos. Reconhecemos que as igrejas reformadas têm muito espaço para crescer em nossa prática de evangelismo. De fato, muitas vezes somos relaxados e confortáveis enquanto os nossos vizinhos incrédulos vivem longe de Deus e caminham finalmente para o juízo eterno. Isso é injustificável. Se de fato reconhecemos o quão gracioso Deus tem sido conosco, e quão sérios são os nossos pecados, isso deve estimular em nós um coração de compaixão para com o nosso próximo e um desejo de alcançá-lo com o evangelho. As doutrinas da graça deveriam nos tornar os mais compassivos de todos os homens. Além disso, o desejo para a conversão e salvação de todos os homens para a glória de Deus constitui a primeira metade da oração que o

Senhor nos ensinou. A igreja tem uma missão neste mundo, e em gratidão e obediência ao Senhor, deve ser zelosa em cumpri-la.

Nesta edição da Revista Diakonia, então, queremos tanto advertir quanto estimular. Por um lado, queremos advertir os leitores contra uma visão antibíblica do evangelismo, e contra os métodos antibíblicos que acompanham esta visão. Por outro lado, queremos estimular você a crescer em seu zelo para a salvação do seu próximo, e certificar-se de que o evangelismo bíblico seja uma parte essencial das suas orações e uma prática constante em sua vida. Como os artigos a seguir irão demonstrar, realmente temos muito espaço para crescer.



# Todo cristão é chamado a evangelizar?

*por Jonathan Chase*

Devemos abordar uma questão logo no início, que é uma pergunta que muitos pastores reformados recebem dos membros da igreja, e às vezes falhamos em responder de uma forma sucinta e clara. A pergunta é: a “Grande Comissão” de Mateus 28:18-20 é a responsabilidade de cada cristão individual? Ou, em outras palavras, será que cada cristão é chamado para ser um evangelista? Todos os cristãos são chamados a ir de porta em porta, falando com seus vizinhos sobre o evangelho, como uma questão de obediência a Cristo?

A resposta simples é “não”. Nem todos os cristãos são chamados a evangelizar neste sentido formal. Cristo não colocou este peso de consciência sobre cada crente individualmente. Simplesmente não encontramos isso nas escrituras. Pelo contrário, encontramos muito mais as instruções como em 1 Tessalonicenses 4:11, *“a diligenciardes por viver tranquilamente, cuidar do que é vosso e trabalhar com as próprias mãos, como vos ordenamos”* (veja também 1 Tm. 2:2). Cristo deu “uns” para serem evangelistas (Ef. 4:11), não todos. Nem todos têm os mesmos dons (Rm. 12, 1 Cor 12). As ordens que Cristo deu aos seus discípulos em Mateus 28 de “fazer discípulos de todas

as nações” (ou melhor, “discipular as nações”) não pertencem individualmente a cada cristão, nada mais de que o comando subsequente de “batizar-os em Nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo”. São ordens que Cristo deu aos seus apóstolos, que Ele enviou ao mundo, e são, portanto, ordens para a igreja como um todo, através de seus diversos ministérios.

Então não devemos colocar um maior peso de consciência sobre o cristão individual do que Cristo mesmo coloca.

Mas, considerando as ordens que Cristo deu à Igreja como um todo, certamente todos os cristãos têm uma responsabilidade nisso. Vamos considerar, com a Bíblia aberta, qual é essa responsabilidade.

Em primeiro lugar, cada cristão, independentemente de sua situação ou vocação, é chamado a ser um fiel testemunho de Cristo. É um cidadão do Reino de Deus, e deve viver de acordo. Testemunhamos a Cristo com uma vida genuinamente cristã, marcada por gratidão e louvor a Deus, e obediência a todos os mandamentos do evangelho. Certamente, é nisso que Cristo e todas as Escrituras colocam a maior ênfase. Somos chamados a ser sal na terra, uma



cidade sobre a colina, uma luz brilhando nas trevas, com a esperança de que o mundo descrente veja as nossas vidas transformadas e glorifique ao nosso Pai que está nos céus (Mt 5:16). Somos chamados a viver como filhos do nosso Pai celestial (1 Pd 1:17), abstendo-se das paixões da carne que fazem guerra contra as nossas almas (2:11), por causa das quais a ira de Deus está vindo contra os mundo descrente (Ef. 5:6).

Esta vida transformada inclui tanto palavras quanto atos. Não se pode separar um do outro. Deus, por sua graça, nos resgatou de uma vida fútil e vazia, e nos fez um povo de sua propriedade exclusiva, com o objetivo expresso de que nós proclamássemos as virtudes daquele que nos chamou das trevas para sua maravilhosa luz (1 Pd 2:9). A vida transformada que dá fiel testemunho de Cristo envolve amor por nossos inimigos e oração por aqueles nos perseguem. Somos chamados a *“portai-vos com sabedoria para com os que são de fora; aproveitai as oportunidades”* (Col 4:5). *“Somos chamados a certificar-nos de que a “a vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um”* (4:6). Então, embora não sejamos chamados para ser “evangelistas”

no sentido formal, certamente somos chamados a ser fiéis testemunhas de Cristo em toda a nossa vida.

Em segundo lugar, as Escrituras nos preparam para a realidade de que, quando assim vivemos, inevitavelmente seremos, de vez em quando, perguntados sobre a razão da esperança que está em nós (1 Pd 3:15, Col 4:6). Nestes momentos, somos chamados a estar “preparados” para dar uma resposta. Para isso, precisamos ser bem treinados nas Escrituras. Mesmo que não tenhamos todos os mesmos dons de apologética ou teologia, cada cristão deve saber a razão da sua própria esperança, e ser suficientemente conhecedor das Escrituras para comunicar o evangelho de forma simples e fiel. Podemos observar que este evangelismo é mais passivo do que proativo. Somos chamados a estar preparados para responder àqueles que nos perguntam, mas não todos os cristãos são chamados a confrontar os descrentes que não expressaram nenhum interesse. Estamos assegurados de que uma vida verdadeiramente cristã já vai, certamente, produzir uma reação. Ao mesmo tempo, somos chamados a aproveitar as oportunidades, o que também implica “criar” oportunidades.

Então não devemos nos isolar do mundo, mas viver a vida cristã no meio do mundo, com a esperança que isto crie oportunidades para falar sobre a nossa esperança. Isto inclui a prática da hospitalidade (Hb 13:2), obras de misericórdia, generosidade, e amor. Uma das principais razões pelo crescimento da fé Cristã no império romano, debaixo da benção de Deus, foi as obras de misericórdia praticada pelos cristãos aos necessitados e desamparados, pelas quais os cristãos se tornaram famosos por todos. Então, cada cristão deve buscar mostrar o amor e misericórdia de Deus ao seu próximo, com a esperança que isto abra as portas para lhe dar o socorro espiritual que ele mais precisa.

Em terceiro lugar, o crescimento do evangelho e a conversão do mundo deve ser uma parte essencial constante das nossas orações (Col 4:3). As três primeiras petições da oração que o Senhor Jesus nos ensinou são dedicadas a este fim: queremos que todos os homens santifiquem o Nome de Deus (veja Mal 1:11), que Seu reino venha a este mundo na obediência dos homens ao evangelho, e que todos pratiquem a Sua vontade tanto quanto os anjos no céu. O cristão tem um chamado sacerdotal de interceder por

este mundo caído, clamando a Deus por sua salvação, e não descansando até que todo o mundo seja trazido em submissão alegre a Cristo. Não podemos ficar contentes com a atual condição deste mundo, com toda a sua idolatria, injustiça, e miséria que o pecado do homem produz. Temos que manter um coração tenro e sensível que sente a dor deste mundo caído, que anseia pela salvação dos perdidos. Se de fato nós reconhecemos a perdição da qual nós mesmos fomos resgatados pela graça de Deus, devemos clamar também por nosso próximo.

Finalmente, não devemos esquecer do evangelismo que está imediatamente diante de nós, em nossa igreja e em nosso próprio lar. O evangelismo não é somente para os de fora—nós também precisamos do evangelho. Devemos encorajar uns aos outros constantemente com o evangelho (Hb 3:13), especialmente quando vemos o nosso irmão caído em pecado. Maridos e esposas devem encorajar um ao outro com o evangelho (1 Pd 3:7). E se Deus nos concedeu filhos, temos a responsabilidade de criá-los na disciplina e admoestação do Senhor (Ef 6:4, Dt 6:7, etc.). Às vezes ouvimos a lamentação de que o único crescimento da igreja

é interno—e realmente isto seria lamentável—mas não devemos esquecer que o evangelismo aos nossos filhos é um dos principais meios que Deus usa para crescer sua igreja e transmitir a sua salvação de uma geração a outra (Sl 78:5-7).

Concluindo, podemos resumir tudo isso lembrando do ensino do Catecismo de Heidelberg no Dia do Senhor 12, que cada cristão não é somente um discípulo de Cristo o Grande Profeta, Sacerdote, e Rei; mas é também, com Cristo, chamado a ser profeta, sacerdote, e rei. Como profetas, nós confessamos o seu Nome, seja qual for a nossa vocação diária. Como sacerdotes, oferecemos sacrifícios de louvor a Deus, dentro e fora do culto solene, e também

intercedemos por este mundo. Como reis, lutamos com uma consciência livre e boa contra o pecado e o diabo nesta vida. Podemos ter certeza que Deus usará a nossa fidelidade nestes ofícios para crescer seu reino, para fazer Seu Nome conhecido entre as nações, e para alcançar o nosso próximo com as boas novas da salvação em Cristo.

---

**Jonathan Chase** é pastor missionário no Brasil das Igrejas Reformadas no Canadá. Ele é diretor e professor no Instituto João Calvino.



# Um coração para o evangelismo

por Lawrence W. Bilkes

Apesar de todas as instruções práticas do Novo Testamento, é notável que haja pouco ensino direto sobre evangelismo. Como explicamos isso? Obviamente, os escritores do NT não careciam de compaixão pelas almas dos homens perdidos. Pelo contrário, eles tinham a mente do Salvador que chorou por Jerusalém. Lemos que Paulo tinha “*grande pesar e contínua tristeza em (seu) coração*” por seus irmãos judeus perdidos (Rm 9:2, 3).

O que fica claro no Novo Testamento é que o evangelismo não é, em primeiro lugar, algo que a igreja tenha que aprender; antes, é o resultado de a igreja ser o que deveria ser. Quanto



mais profundamente ela experimentar o poder e a glória de Cristo, mais profunda será a impressão causada no mundo. Em outras palavras, o cristão, por definição, deveria ter um coração voltado para o evangelismo. Permita-me dobrar isso em cinco pontos.

**Um coração para o evangelismo é a consequência da verdadeira experiência espiritual**

Isto fica claro, por exemplo, nas bem-aventuranças do Senhor Jesus. Lá Ele descreve as pessoas que têm um coração voltado para o evangelismo. Como são essas pessoas? Ele diz: são “pobres de espírito”, “choram”, são “mansos”, têm “fome e sede de justiça”, etc. Estas pessoas são “a luz do mundo”, uma “cidade que está estabelecida num monte... não pode ficar escondido:” (Mt 5,14).

A mesma coisa é clara em 2 Coríntios 3, onde Paulo escreve que os cristãos coríntios são “epístolas legíveis de Cristo” no mundo, “conhecidas e lidas por todos os homens” (2 Coríntios 3:1,2). Cristo escreveu nos seus corações “com o Espírito do Deus vivo” (2Cor 3,3). Suas vidas proclamam o evangelho.

Ou pense no que Paulo escreve em 1 Tessalonicenses 1:8 sobre os cristãos em Tessalônica:

“Porque de vós repercutiu a palavra do Senhor não só na Macedônia e Acaia, mas também por toda parte se divulgou a vossa fé para com Deus...”

Paulo deixa claro que a propagação da mensagem não se deve a alguma habilidade que esses cristãos adquiriram em ganhar almas, mas sim ao carácter das

suas vidas. O que os pagãos observaram e falaram foi a sua “fé em Deus” e como eles “se voltaram dos ídolos para Deus” (1 Tessalonicenses 1:9).

## Um Coração para o Evangelismo Visa a Glória de Deus

A regra bíblica é: “Fazei tudo para a glória de Deus” (1Cor 10,31). Os homens glorificam a Deus obedecendo à sua Palavra. A evangelização é uma das atividades que Cristo ordenou: “Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, para testemunho” (Mt 24,14; cf. Mc 13,10). É sua tarefa e a minha tarefa. Se amamos a Deus e estamos preocupados em glorificá-lo, devemos obedecer à sua ordem de evangelizar.

Há um aspecto adicional neste pensamento. Glorificamos a Deus evangelizando, não apenas porque evangelizar é um ato de obediência, mas também porque no evangelismo contamos ao mundo as grandes coisas que Deus fez para a salvação dos pecadores. Deus é glorificado quando suas obras poderosas são divulgadas. O salmista exorta-nos a “proclamai a sua salvação, dia após dia. Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as

suas maravilhas” (Sl 96:2). Para um cristão, falar com os não convertidos sobre o Senhor Jesus Cristo e seu poder salvador é, por si só, honrar e glorificar a Deus.

## **Um coração para o evangelismo é constrangido pelo amor pelos perdidos**

O desejo de ganhar os perdidos para Cristo deveria ser o transbordar espontâneo de amor no coração de todos que nasceram de novo. O Senhor Jesus confirma a exigência do Antigo Testamento de que devemos amar o nosso próximo como a nós mesmos (Mc 12:31; Lc 10:37). Paulo escreve: “Enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos os homens” (Gl 6:10). Que necessidade maior qualquer homem pode ter do que a necessidade de conhecer a Cristo? O impulso para evangelizar deve brotar espontaneamente em nós ao vermos a necessidade de Cristo em nosso próximo.

Se nós mesmos conhecemos alguma coisa sobre o amor de Cristo por nós, e se nossos corações sentem alguma gratidão pela graça que nos salvou da morte e do inferno, então esta atitude de compaixão por nossos semelhantes

espiritualmente necessitados deveria se manifestar espontaneamente em nós. Foi em conexão com a compaixão pelas almas que Paulo declarou que “o amor de Cristo nos constrange” (2 Coríntios 5:14). Não é um bom sinal se nos falta esse amor e somos relutantes em compartilhar o precioso conhecimento de Cristo com outros cuja necessidade dele é tão grande como a nossa. É um grande privilégio poder falar aos outros sobre o amor de Cristo, sabendo que não há nada que eles precisam saber com mais urgência do que Jesus Cristo. Se percebemos que estamos nos esquivando desta responsabilidade, precisamos encarar o fato de que estamos cedendo ao pecado e a Satanás. O que precisamos fazer é pedir graça para nos envergonharmos verdadeiramente, e orar para que possamos transbordar de amor por Deus a ponto de transbordar de amor por nossos semelhantes e compartilhar com eles as boas novas de Cristo.

## **Um Coração para o Evangelismo é Envolvido em Oração Intensa**

Antes da colheita de almas no Pentecostes, a igreja reunia-se continuamente para oração e súplicas. Antes



de Paulo e Barnabé serem enviados de Antioquia, a igreja orava e jejuava. Quando oramos, entregamos tudo das nossas mãos. Visto que o evangelismo não deve ser nosso trabalho, mas de Deus, é mais apropriado e adequado entregá-lo das nossas mãos. Podemos fazer muito depois de termos orado, mas não podemos fazer nada até termos orado (Bunyan).

Não devemos imaginar, entretanto, que uma simples oração formal é o que as Escrituras recomendam. Trata-se de um trabalho de oração. Paulo diz aos Gálatas: “meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós...” (4:19) O que é verdadeiro na natureza, também é verdadeiro na graça: a menos que haja dores de parto, não haverá filhos.

Spurgeon disse bem:

“Se as almas nos fossem dadas sem qualquer esforço, ansiedade ou oração, seria uma perda nossa tê-las assim, porque as ansiedades que pulsam dentro de um espírito compassivo exercem suas graças; elas produzem amor grato a Deus; elas testam sua fé no poder de Deus para salvar outros; elas o levam ao propiciatório; elas fortalecem sua paciência e perseverança, e toda graça dentro do homem é educada e aumentada por seu trabalho pelas almas... Tenho pouca confiança em

discursos elaborados e frases polidas, como meios de alcançar o coração dos homens; mas tenho grande fé naquela mulher cristã simples, que precisa ver as almas convertidas ou ela chorará por causa delas; e naquele cristão humilde que ora dia e noite em segredo, e depois aproveita todas as oportunidades para dirigir uma palavra de amor aos pecadores. A emoção que sentimos e o afeto que sentimos são os instrumentos mais poderosos para conquistar almas. Deus, o Espírito Santo, geralmente quebra corações duros com corações ternos.”

Quanto mais nós poderíamos orar pela salvação das pessoas não convertidas, particularmente na nossa família, e entre os nossos amigos e associados diários, mas também nas nossas comunidades.

## **Um coração para o evangelismo é um coração empreendedor**

É da natureza do amor ser empreendedor. Se você ama alguém, você está constantemente tentando pensar no que é o melhor que pode fazer por ele e como melhor agradá-lo, e é seu prazer dar-lhe alegrá-lo pelas coisas que você planeja para ele. Se, então, amamos a Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – por tudo o que Ele tem feito por nós, devemos reunir toda a nossa iniciativa

e empreendimento para tirar o máximo que pudermos de cada situação para sua glória. E uma das principais maneiras de fazer isso é procurar maneiras e meios de espalhar o evangelho e obedecer à ordem divina de fazer discípulos em todos os lugares. Da mesma forma, se amamos o nosso próximo, reuniremos toda a nossa iniciativa e empreendimento para encontrar formas e meios de lhe fazer bem. E uma maneira de lhe fazer bem é compartilhar com ele o nosso conhecimento de Cristo. Não devemos perguntar com relutância quanto devemos fazer nesse âmbito, como se evangelizar fosse uma tarefa desagradável e onerosa. Não devemos procurar ansiosamente o mínimo esforço em evangelismo que satisfaça a Deus. Mas devemos buscar

sinceramente o quanto está em nosso poder para espalhar o conhecimento de Cristo entre os homens; e, uma vez que vejamos quais são as possibilidades, devemos nos dedicar a elas com oração. Que Deus nos conceda tal espírito empreendedor.

---

**Dr. Lawrence W. Bilkes** é pastor da Igreja Reformada Livre de Grand Rapids, Michigan, EUA. Ele foi ordenado ao ministério da Palavra em 1971 e também ministrou no Canadá e nos Países Baixos. Ele recebeu seu doutorado em 1997 pela Universidade Teológica das Igrejas Cristãs Reformadas em Apeldoorn, nos Países Baixos. Ele é editor do *Free Reformed Theological Journal* e colaborador frequente do *The Messenger*, o periódico denominacional das Igrejas Reformadas Livres da América do Norte.



# O Evangelismo “Sensível ao que Busca”

*por J. Mark Beach*

A missão evangelística da igreja não é opcional. Em grande medida, ela define a existência e o propósito da igreja. No entanto, esta tarefa essencial de levar o evangelho ao mundo constitui um desafio desconcertante para a igreja hoje. Como as pessoas perdidas, numa sociedade tão secularizada como a nossa, podem ser alcançadas pelo evangelho? Como pode a igreja ganhar a atenção



de pessoas não salvas que estão tão apaixonadas pelo poder da tecnologia e do conhecimento científico? Como a igreja alcança aqueles que estão completamente desligados do ensino e da cultura da igreja? Sejamos realistas: a maioria dos incrédulos prefere assistir a um funeral do que a um culto de adoração. Eles reconhecem a “igreja” como um ambiente estranho onde eles são social e espiritualmente ineptos. Acrescente a isso o abuso a que algumas pessoas foram submetidas por um visitante indesejado à sua porta, fazendo perguntas ameaçadoras sobre o céu e o inferno, além dos escândalos públicos de alguns evangelistas televisivos bem conhecidos, e vemos que desafio desconcertante é o evangelismo.

Consequentemente, muitos líderes e pastores de igrejas estão sempre à procura de uma abordagem “modelo” para o evangelismo, que seja ao mesmo tempo bem-sucedida e praticável. O que se procura é um método de evangelismo que se mostre eficaz em alcançar pessoas não salvas e que possa ser implementado dentro da sua própria igreja e ministério.

Hoje, na mente de muitos, o que é chamado de evangelismo “sensível ao que

busca” ou “seeker-sensitive” representa esse modelo de abordagem. É um método de evangelismo, transformado num movimento, que está moldando o trabalho do ministério e o panorama eclesial na América do Norte mais do que qualquer outra coisa desde a ascensão do neopentecostalismo. Não deixa de ter sua característica louvável. Mas, se me permitem revelar minha posição desde o início, também acredito que a abordagem do evangelismo sensível ao que busca está infectada com compromisso espiritual e põe em perigo a saúde da igreja. Além disso, o movimento sensível ao que busca, ou o que alguns apelidaram de movimento user-friendly, está tornando algumas pessoas reformadas inseguras ou pelo menos defensivas em relação à sua vida e prática como igreja. A questão a debater, nos extremos, é se este movimento é um modelo enviado pelos céus que as igrejas deveriam imitar, ou se é um ídolo moderno que ameaça refazer-nos à sua imagem?

O movimento user-friendly está tendo uma presença visível em comunidades grandes e pequenas por toda a América do Norte. Muitas igrejas de vários tamanhos estão a adotar, da melhor forma que podem, este modelo de ministério.

E deve-se notar que, se o sucesso for medido por números, muitas dessas igrejas são bem-sucedidas.

O movimento “sensível ao que busca” ou “amigável” oferece uma teologia sobre igreja e evangelismo. Penso que também oferece uma teologia distinta sobre Deus e a pregação, esta última trazendo uma crise para o próprio evangelho.

Neste artigo quero entrar na mente do evangelismo user-friendly. Primeiro, proponho delinear o que é a abordagem sensível ao que busca; e depois, em segundo lugar, observar cinco erros teológicos nesta abordagem. Também espero oferecer algumas observações para uma abordagem reformada do evangelismo hoje.

## **Um esboço da abordagem sensível ao que busca**

De acordo com alguns dos pioneiros do movimento sensível ao que busca, as igrejas tradicionais não conseguem se organizar de acordo com os dons espirituais e não possuem mecanismos de discipulado adequados. As igrejas tradicionais, eles alegam, não compreendem nem praticam o culto bíblico e, em vez disso, servem como “centros de ensino” que tentam influenciar as pessoas

principalmente durante uma hora por semana. Eles também tendem a ser “hostis” aos que buscam, o que significa que não fazem nenhum esforço para acolher e ministrar àqueles que estão fora da igreja. O movimento sensível ao que busca reagiu contra o “ambiente estranho, hostil, desconfortável e constrangedor” das igrejas tradicionais e determinou que os serviços religiosos deveriam ser “amigáveis”, eventos nos quais os “buscadores” pudessem se sentir confortáveis. O resultado é que a igreja é completamente reestruturada para ser facilmente acessível ou atraente para quem procura, começando pela arquitetura da igreja. Os que não têm igreja ficam desconfortáveis com qualquer coisa que pareça muito com uma igreja tradicional, então as igrejas sensíveis ao que busca não terão cruzes, campanários, vitrais ou órgãos. Em vez disso, parecem mais centros cívicos modernos do que igrejas tradicionais – e isso é intencional.

Quanto aos próprios cultos orientados para buscadores, cada um deles é cuidadosamente elaborado e preparado para atrair os que não têm igreja – tanto os desigrejados, como os incrédulos hostis ou céticos. Visto que os que não frequentam a igreja terão mais chances

de aparecer em um dia de domingo, é imperativo que o culto para os buscadores ocorra aos domingos. Estes cultos para os buscadores não são “cultos de adoração”; eles são cultos evangelísticos. Assim, não há recitação de credos, nem uso de hinários ou saltérios. Se for feita uma coleta, os que não frequentam a igreja são incentivados a não participar nessa parte do culto. Instrumentação e música contemporâneas, teatro profissional e multimídia complementam uma mensagem voltada para os que não têm igreja.

Desde a década de 1990, muitos acreditam que o modelo “sensível ao que busca” é o modelo para “fazer igreja” no século XXI. Embora este movimento já não seja novo, continua a ser influente e tornou-se um movimento mundial que revolucionou muitas igrejas.

## Cinco erros

Temos que dar atenção ao movimento sensível ao que busca por pelo menos três razões:

1. porque acredito que cada vez mais igrejas sob a égide da Reforma estão tentando imitar o movimento sensível ao que busca em algum grau (prejudicial);

2. porque inevitavelmente o nosso próprio povo ficará exposto a isso e alguns deles provavelmente ficarão cativados com isso; e
3. Porque se discordarmos deste movimento, então precisamos de saber porquê, e precisamos estar preparados para oferecer uma crítica bíblica do mesmo.

O movimento erra em pelo menos cinco pontos, cada um dos quais merece a nossa atenção.

### 1. O problema do pragmatismo

Minha primeira preocupação é o que chamo de problema do pragmatismo. Em 1993, John MacArthur Jr. publicou um livro intitulado, *Com Vergonha do Evangelho*, no qual ele critica severamente o movimento amigável, mostrando suas semelhanças com o que ficou conhecido como a “controvérsia do declínio” no ministério de Charles H. Spurgeon. Spurgeon alertou a igreja de sua época que o cristianismo estava em declínio, e o evangelho estava em declínio. Os líderes cristãos estavam a tornar-se mundanos e doutrinariamente ineptos. Desejando cada vez mais atrair uma multidão, os pregadores e líderes da igreja do “declínio” recorreram ao uso de modelos mundanos

para exercer o ministério. Spurgeon acreditava que isso constituía uma perda do próprio evangelho, uma venda da verdade evangélica; e, de acordo com MacArthur, a história provou que Spurgeon tinha razão.

Tudo isso serve para nos alertar, diz MacArthur, sobre o que está acontecendo hoje na comunidade evangélica. No entanto, em vez do modernismo, que foi o dragão que Spurgeon procurou matar, hoje o dragão é o pragmatismo. De acordo com MacArthur, quando o pragmatismo substitui a teologia e a verdade bíblica na vida da igreja, quando “O que funciona?” torna-se a pergunta principal antes de “O que é bíblico?”, então resultados trágicos são inevitáveis. O sucesso substitui uma proclamação desavergonhada da Palavra de Deus e, conseqüentemente, a doutrina da igreja é sacrificada para o crescimento da igreja; atrair uma multidão através de vários veículos de entretenimento substitui um ministério de edificação e crescimento espiritual, e a verdade cede a “o que funciona” – ou pior, a verdade é redefinida como aquilo que funciona.

O pragmatismo esquece que é prerrogativa de Deus converter as almas e

tornar fecunda a pregação. Uma vez que iniciamos o caminho de tentar “efetuar” resultados, isto é, pregar o evangelho não apenas fielmente, mas frutuosamente, não apenas diligentemente, mas com sucesso, então recorreremos à “técnica” – e isso é um poço sem fundo. A técnica substitui a dependência de Deus. O fruto numérico substitui o fruto da fé.

Focando mais restritamente, esse pragmatismo se manifesta numa paixão pela psicologia, ou pelo que prefiro chamar de “terapia”. Um evangelho de autorrealização é um tema comum em mensagens sensíveis ao que busca. É claro que a autorrealização não se enquadra nas categorias das Escrituras. Mas se enquadra nas categorias da psicologia.

MacArthur se pergunta como esse pragmatismo se ajusta aos acontecimentos da igreja primitiva em torno de Ananias e Safira. Afinal, o julgamento de Deus contra Ananias e Safira teve um efeito além da comunhão dos crentes: “sobreviveu grande temor a toda a igreja e a todos quantos ouviram a notícia destes acontecimentos” (Atos 5:11). O versículo 13 diz que ninguém mais se atreveu a se juntar a eles! Isto é exatamente o oposto da filosofia amigável

e do pragmatismo que a motiva. Em vez de atrair as pessoas para a igreja, fazendo com que se sentissem confortáveis e seguras, Deus usou o medo para manter os incrédulos afastados.

O pragmatismo é impiedoso. Não aceita o que não funciona. Insiste em realizar o objetivo. O fim justifica os meios – portanto, quaisquer meios que sejam populares servirão. Mas você não pode servir a Deus e a Mamom ou, neste caso, a Deus e ao pragmatismo. Devemos afirmar a *Sola Scriptura* ou deixar de nos chamar de protestantes e evangélicos.

## 2. A loucura por trás do método

A segunda área de preocupação é o que eu chamo de “a loucura por trás do método”. Sem dúvida, os defensores do movimento amigável argumentarão que existe um método por trás do que pareça loucura. Mas que método? A conversão pode ser programada? Podemos orquestrar a salvação? MacArthur é franco e direto: “A simples realidade é que não se pode seguir uma estratégia orientada para o mercado e permanecer fiel às Escrituras”.

Em vez de permitir que as Escrituras definam para nós o que é um “incrédulo”,

quais são as suas necessidades, quais os obstáculos que se colocam no caminho da conversão, o método de marketing oferece uma análise horizontalista e meramente humanista das pessoas e sugere - na verdade insta - que a igreja aborde às suas “necessidades sentidas” em primeiro lugar. Desta forma, a igreja e o evangelho tornam-se produtos a serem consumidos. A pessoa sem igreja fica pensando: “Bem, eu tentei de tudo, por que não ‘experimental Deus’?”

Isso vai na contramão. O consumidor torna-se soberano em vez de Deus; e como afirma David Wells, isto “sanciona um mau hábito”, pois “nos encoraja a realizar um inventário interno constante... a perguntar-nos perpetuamente se os ‘produtos’ que nos são oferecidos satisfazem as nossas atuais ‘necessidades sentidas’”. O problema é que muitas “necessidades sentidas” são criadas e motivadas pela cultura e, portanto, ilegítimas. As necessidades podem ser comparadas a crianças. Algumas são legítimas; outras são ilegítimas. Por que os filhos ilegítimos deveriam ter direitos soberanos sobre os filhos legítimos, isto é, por que as necessidades sentidas deveriam ter precedência sobre as necessidades genuínas dos seres humanos, conforme reveladas



nas Escrituras? Quando a igreja se comercializa como oferecendo produtos para satisfazer as necessidades sentidas pelos incrédulos, ela na verdade cai no mundanismo, pois a igreja não é um produto e não comercializa. Em vez disso, a igreja faz uma proclamação. Ela declara o reino de Deus. Ela anuncia a soberania de Cristo sobre toda a vida – incluindo a vida dos desigrejados. Ela convida todos a se renderem obedientemente e se submeterem a Ele e à Sua Palavra. O negócio da igreja é a verdade, não o lucro.

As reivindicações de Cristo são radicais e intransigentes. Aqueles que foram atraídos por Jesus porque Ele satisfizes seus estômagos vazios (satisfazendo suas necessidades sentidas) logo foram corrigidos. Jesus não teve medo de falar a dura verdade, o que trouxe esta consequência: “À vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele” (João 6:66). Jesus obviamente não sabia como se vender. Ele não tinha conhecimento de marketing. Mas então a Sua teologia afirmou que Deus é soberano, não o homem; e Jesus sabia que ninguém poderia vir a Ele, a menos que o Pai o trouxesse (v. 44). Na verdade, aqueles que o Pai havia atraído não voltaram

atrás; em vez disso, disseram a Jesus: “Senhor, para quem iremos? Tu tens palavras da vida eterna” (João 6:68).

A abordagem de marketing para evangelismo é uma loucura. Esquece quem é Deus e esquece que a Palavra de Deus não está interessada em tornar Deus útil para nós! A fé cristã não é verdadeira porque Deus pode nos ajudar a satisfazer as necessidades que sentimos. Jesus Cristo não é um meio para atingir um fim, seja esse fim a auto-realização, a auto-estima ou alguma outra redenção egocêntrica. A razão pela qual os indivíduos devem se arrepender e adorar a Deus é porque Deus merece isso.

Um evangelho comercializado é, na melhor das hipóteses, um evangelho truncado! Ao tentar apelar para “João e Maria desigrejados”, onde há espaço para a mensagem: “No mundo, passais por aflições” (João 16:33)? Ou o chamado de Pedro para nos alegrarmos por participarmos dos sofrimentos de Cristo (1 Pedro 4:13)? Ou a bem-aventurança de Jesus sobre ser perseguido por causa da justiça (Mateus 5:10)? Um evangelho que é comercializado nunca poderá ser o evangelho de Jesus Cristo. Pela sua própria natureza, um evangelho comercializado precisa diluir

a mensagem para se tornar amigável para o público. Essa é a loucura por trás do método.

### 3. Imagem não é tudo

Intimamente relacionada com isso está a questão da imagem, a nossa terceira preocupação. A igreja, obviamente, nunca deveria ofender indevidamente. Mas precisamos dizer diante do movimento amigável: Imagem não é tudo! Para igrejas sensíveis ao que busca, a imagem é importante, porque as pessoas sem igreja se preocupam muito com a aparência. Portanto, os cultos são encenados e coreografados.

A imagem é importante, muito importante. Minha pergunta é simplesmente esta: a imagem de quem? A imagem de Cristo? Ou a imagem da América corporativa sofisticada e com carteiras gordas? Em outras palavras, quando você fala em imagem, de quem é a imagem que você está tentando imitar e atrair?

Duas tentações estão embutidas na gestão de imagens. O primeiro perigo é a manipulação; em outras palavras, na tentativa de se identificar com os desigrejados, todo o show se torna uma espécie de grande manipulação – da música pop rock ao drama, à mensagem

coreografada – com a intenção de produzir um certo tipo de efeito na pessoa desigrejada para levá-la onde você quer. Dito de forma grosseira, é a velha técnica de “isca e troca” – a pessoa desigrejada é atraída por imagens de que gosta, para que você possa passar-lhe uma mensagem à qual ela resiste. O que isso tem a ver com o modelo bíblico de evangelismo?

O segundo perigo é a falsidade, isto é, de fingir algo que não é real. Esta é uma tentação especialmente para oradores altamente habilitados. O que parece mais real devido a comunicadores altamente habilitados e a uma produção orquestrada profissionalmente, pode na verdade ser fingimento. Alguém pode muito bem perguntar: como tudo isso se encaixa com o que Paulo diz em 1 Tessalonicenses 2:4: “Não procuramos agradar aos homens, mas a Deus”?

### 4. A idolatria de Deus

Minha quarta preocupação com o evangelismo amigável é o que chamo de idolatria de Deus. A doutrina de Deus que funciona em grande parte deste movimento é desequilibrada, na melhor das hipóteses, e idólatra, na pior. Em seu magnífico livro *God in the Wasteland* (“Deus no Deserto”), David Wells

explica que o deserto é a teologia evangélica, ou poderíamos dizer, a igreja evangélica, especialmente a igreja amigável. Uma doutrina enfraquecida de Deus atinge toda a teologia. Wells escreve: “O problema fundamental... é que Deus repousa de maneira muito inconsequente sobre a igreja. Sua verdade é muito distante, sua graça é muito comum, seu julgamento é muito benigno, seu evangelho é muito fácil e seu Cristo é muito ordinário” Deus é marginalizado. Se tornou sem peso.

Não há dúvida de que defensores do movimento amigável negariam que têm marginalizado a Deus. Mas Deus, em Sua soberania e santidade, dificilmente conta como um tema significativo na abordagem amigável aos desigrejados ou na pregação que lhes oferece. A lei moral não é explicada ou usada, os sermões são tópicos e não expositivos, e as mensagens são otimistas e positivas, enfatizando o amor e a imanência de Deus. O que é estranho nisso é o fato de que os que não têm igreja geralmente já acreditam que estão em boas relações com Deus! Oito em cada dez americanos já acreditam que Deus os ama e que Deus está perto deles. O “Deus” em que muitas pessoas acreditam é apenas afirmativo, não exigente.

Sob essa luz, o que os desigrejados precisam, mesmo que isso os ofenda, é ouvir mensagens penetrantes sobre o rigor e a severidade da lei de Deus. A função da lei é chamar a consciência ao julgamento e feri-la de medo. A lei nos prepara para o evangelho. Temendo a condenação, desejamos a justificação. Devemos cair nos braços do Salvador em arrependimento. Como disse Calvino: “A lei é como um espelho. Nela contemplamos a nossa fraqueza, depois a iniquidade que surge dela e, finalmente, a maldição que vem de ambos - assim como um espelho nos mostra as manchas em nosso rosto” (Institutas 2.7.7). Ou nas palavras de J. I. Packer: “Ninguém pode ver o que é o pecado até que aprenda o que é Deus”. A lei deve ser pregada aos incrédulos.

A refutação óbvia é que os incrédulos não darão ouvidos a tal pregação. Talvez seja verdade! Mas Deus produz crentes dessa pregação! E quando isso falha, então, em algum lugar dos nossos esforços evangelísticos, precisa haver um lugar para sacudir a poeira das nossas sandálias em testemunho contra aqueles que não querem ouvir, e seguimos em frente. Se isso parece duro para ouvidos amigáveis, então precisamos ler os Evangelhos novamente

(Mateus 10:14; Marcos 6:11; e Atos 13:51). Mas, novamente, a pregação de João Batista também não se ajusta muito bem ao modelo otimista e amigável – chamando os fariseus de “raça de víboras” e tudo mais (Lucas 3:7). Pedro pregou um sermão no Pentecostes que também falhou no teste de ser amigável, dizendo aos seus ouvintes sobre Jesus: “vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos” (Atos 2:23).

Até que Deus seja reconhecido como Soberano Criador e Senhor que é santo, justo e verdadeiro, aqueles que o buscam nunca o procurarão como pecadores; Deus continuará sendo um Deus de terapia, domesticado e inofensivo. Aquele deus é um ídolo. É a idolatria de Deus.

## 5. Não há lugar para a verdade

Finalmente, a minha última preocupação com o método amigável de evangelizar tem a ver com o papel da teologia na vida da igreja. O movimento amigável é principalmente, se não totalmente, desinteressado em teologia. Isto remonta ao seu compromisso tanto com o pragmatismo como com a cosmovisão psicológica moderna, tão indicativa da modernidade. O resultado final é que a verdade cristã fica abreviada. A cauda

da teologia está cortada, mostrando apenas um toco patético. Não devemos deixar de perguntar: “O que então preenche o vazio? O que, afinal, é um evangelho cristão abreviado?”

Os que não têm igreja obviamente precisam do evangelho simples, do leite da Palavra. Mas mesmo o leite da Palavra deve permanecer a Palavra, e como leite devemos apresentar todo o evangelho. Os evangelhos da terapia não se qualificam. Se atrairmos os incrédulos com evangelhos de auto-realização, então revelamos a nossa falta de confiança na própria Palavra de Deus - isto é, demonstramos que não acreditamos realmente que ela seja um meio de graça, que seja o poder de Deus para a salvação, que é um martelo que esmaga corações de pedra, que é a própria voz viva de Deus! Quando pessoas sem igreja acham a isca tão atraente, por que deveriam trocar isso para um evangelho que é “pedra de tropeço para os judeus e loucura para os gentios” (1 Coríntios 1:23)?

A ironia sobre a estratégia “sensível ao que busca” é que a maioria das pessoas que frequentam os cultos sensíveis ao que busca precisa de edificação, não de evangelização. A grande maioria

daqueles que frequentam cultos religiosos sensíveis ao que busca já são frequentadores de igrejas, que já afirmaram ter feito um compromisso para Cristo. Mesmo que se admita que a maioria destas “pessoas igrejadas” são apenas “igrejadas superficialmente”, ainda assim, como é que elas vão crescer até à maturidade com uma dieta de alimentos sensíveis ao que busca? A maioria das igrejas amigáveis tentam ser sensíveis ao que busca em seus cultos dominicais. Consequentemente, eles acabam não desempenhando muito bem nem o ministério de edificação nem o ministério de evangelismo. Os fiéis estão condenados a permanecer bebês espirituais. Sem a carne da Palavra, sem teologia, como podem eles amadurecer, e por que razão não deveriam estar confortáveis com o seu cristianismo minimalista?

Em seu livro, *Dining with the Devil* (“Jantando com o Diabo”), Os Guinness lamenta a superficialidade teológica e a falta de consciência histórica no movimento amigável. Sobre esta última, ele escreve: “Este movimento desconhece particularmente as comparações com períodos anteriores que poderiam lançar luz sobre as possibilidades e armadilhas que enfrentamos hoje. Dois

períodos, por exemplo, dariam paralelos frutíferos: o final do século XVIII e a história do envolvimento do liberalismo europeu com os “desprezadores educados”, e o início do século XIX e a história da mudança fatal do evangelicalismo americano, não apenas do calvinismo para o arminianismo, mas da teologia à experiência, da verdade à técnica, da elite ao populismo, e de uma ênfase em ‘servir a Deus’ para uma ênfase em ‘servir a si mesmo’ no serviço a Deus.” Qualquer pessoa que tenha estudado o revivalismo de Charles Finney sabe como isso é verdade.

Não há lugar para a verdade (a verdade completa das Escrituras) na filosofia amigável. A teologia é desprezada enquanto a “contextualização” se torna o princípio e o fim de tudo. A contextualização torna-se assim uma receita para o compromisso e a capitulação quando “encontrar as pessoas onde elas estão” não é apenas o primeiro passo no processo de levar o evangelho, mas também o último. Quando o movimento sensível ao que busca é realizado usando todos os insights e ferramentas da modernidade, tudo com grande efeito e sucesso, será que Deus ainda é necessário? O que acontece quando estes novos deuses da modernidade



não conseguem fazer a magia do sucesso nas gerações sucessivas? Será que inventamos novos deuses novamente? Muitas megaigrejas estão simplesmente se inflando artificialmente através da técnica e da personalidade, mas não com uma mensagem que converta, ou seja, não com a verdade do evangelho.

O evangelismo amigável é defeituoso na sua pretensão fundamental, a saber, na sua noção de que os pecadores perdidos estão na verdade à procura de Deus, que os incrédulos estão procurando o caminho, a verdade e a vida. E quanto a Romanos 3:11? Com a sua doutrina falha da humanidade, o evangelismo amigável deturpa a inimizade entre a semente da mulher e a semente da serpente e, portanto, minimiza a antítese entre a igreja e o mundo. Isto leva à falsa ideia de que os incrédulos podem ser aliciados, persuadidos, cortejados ou de outra forma bajulados a entrar no reino de Deus. Acredito que os líderes e pastores da igreja devem procurar em outro lugar uma abordagem “modelo” para o evangelismo hoje.

Antes de Sua ascensão ao céu, Jesus ordenou que Sua igreja fizesse discípulos de todas as nações. A fim de equipá-la para essa tarefa, Ele prometeu o

Espírito Santo: “recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (Atos 1.8).

No Pentecostes, o Espírito Santo foi derramado sobre a igreja – assim capacitando a igreja a ser a igreja, isto é, a ir em frente e cumprir a Grande Comissão.

Obviamente, se a igreja quiser cumprir a Grande Comissão, ela deve fazer mais do que levar o evangelho aos membros da família da aliança de Deus (crentes e seus filhos). Ela também deve levar o evangelho àqueles que estão “distantes”.

As igrejas reformadas de todos os tipos precisam ser lembradas de sua própria teologia – que a pregação do evangelho é uma das chaves do reino dos céus (*Catecismo de Heidelberg, P/R 83 e 84*). Na verdade, ele constitui a atual ação redentora de Deus na história humana. Pouco antes de Sua ascensão, o próprio Jesus expressou essa ideia quando estabeleceu a pregação do evangelho como a terceira fase (sua morte e ressurreição sendo as primeiras duas fases) em seu programa de redenção: “Assim está

escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém.” (Lucas 24:46-47).

Visto que as igrejas confessionais reformadas têm uma teologia de pregação tão elevada, confessando o seu significado redentor, elas deveriam liderar o ataque de pregar o evangelho da paz àqueles da família da fé e “a todos os que estão longe”. Houve épocas na história da igreja em que isso aconteceu. Não é o caso hoje, particularmente no que diz respeito aos esforços evangelísticos da igreja local.

No entanto, o movimento amigável tem pontos fortes. Embora seja necessário distanciar-nos dos aspectos aberrantes deste movimento (e o fizemos), também nos compete reconhecer as características louváveis que ele exhibe e que podem ajudar-nos nos nossos próprios esforços evangelísticos. Conseqüentemente, quero apontar três aspectos positivos do evangelismo sensível ao que busca e, em seguida, fazer algumas observações para fazer o evangelismo reformado hoje.

## Características Positivas do Evangelismo Amigável

### 1. Alguém se importa

A primeira característica louvável do movimento sensível ao que busca é a sua preocupação genuína com as pessoas perdidas. Digamos o que quisermos sobre suas deficiências: o amor pelos perdidos impulsiona muitas igrejas sensíveis ao que busca. Isto define o seu mandato e certamente, em grau significativo, orienta os seus esforços. É pelo desejo de alcançar os incrédulos que muitas igrejas sensíveis ao que busca têm orientado o seu ministério da maneira que o fizeram.

Devemos estar conscientes da nossa tendência de nos tornarmos egocêntricos como igrejas. É verdade que a Grande Comissão envolve não apenas evangelização, mas também edificação. Não devemos apenas fazer discípulos para a conversão, devemos fazer discípulos ensinando-os a observar tudo o que Cristo ordenou. Não deveríamos ter vergonha da nossa ênfase tradicional na instrução catequética e no estudo da Bíblia. Mas, com toda a franqueza, precisamos de aprender com o movimento amigável o que a nossa própria teologia

já nos ensina, a saber, que amamos o próximo perdido o suficiente para realmente procurá-lo. Muitas igrejas sensíveis ao que busca fazem isso! Eles deixam seus vizinhos incrédulos cientes que alguém se importa.

## 2. Como os incrédulos pensam

Outra característica louvável do movimento sensível ao que busca é o seu esforço para compreender como os incrédulos pensam. Em nosso trabalho para buscar os perdidos, precisamos saber o que motiva as pessoas. É valioso saber como os incrédulos percebem a igreja e pensam sobre as coisas espirituais. Uma nota de cautela é necessária, no entanto. Qual é o objetivo ou propósito de adquirir conhecimento da mente do incrédulo? É para manipulá-lo ou persuadi-lo a entrar no reino? É para convertê-lo a nós ou é para convertê-lo a Cristo? Sejamos claros: as Escrituras exigem que aprendamos como pensam os descrentes, não para que possamos remodelar o evangelho para torná-lo atraente para eles, mas para que possamos mirar os dardos do evangelho para as vulnerabilidades em suas vidas! Queremos acertar o alvo. Devemos ser instruídos no que eles pensam sobre Deus e a igreja, mas a nossa mensagem

deve ser moldada pelo que o evangelho pensa sobre os descrentes! Com essa cautela, podemos elogiar muitas igrejas sensíveis ao que busca pela sua sensibilidade em entrar na mente dos incrédulos.

## 3. Uma estratégia clara

A terceira característica louvável do movimento sensível ao que busca é que ele tem uma estratégia clara para ministrar às pessoas perdidas. Essa estratégia consiste basicamente em quatro ingredientes:

1. Faça amizade com pessoas desigrejadas,
2. Convide-os para um culto de buscadores, ou seja, um culto inteiramente voltado para eles,
3. Após o compromisso com Cristo, assimile-os em um pequeno grupo para ajudá-los a crescer espiritualmente, e
4. Envie essas pessoas que agora frequentam a igreja para usarem seus dons para crescer a igreja e alcançar os desigrejados.

É evidente que não concordo com certos aspectos do ponto dois desta estratégia (pelo menos tal como é concebida e praticada por muitas igrejas amigáveis). Mas, novamente, pelo menos

muitas igrejas sensíveis ao que busca têm uma estratégia para alcançar os vizinhos perdidos. Se ousarmos admitir, um número surpreendente de igrejas confessionalmente reformadas não tem estratégia alguma. Elas simplesmente e honestamente não o fazem! Consequentemente, o esforço de alcançar os incrédulos simples e honestamente não ocorre. As igrejas sensíveis ao que busca devem ser elogiadas por ter estabelecido objetivos de evangelismo, por ter trazido uma estratégia para cumprir esses objetivos e depois implementá-la.

## Observações para Fazer Evangelismo Reformado Hoje

À luz de nossas críticas e elogios ao evangelismo amigável, gostaríamos de fazer alguns comentários sobre como fazer o evangelismo reformado hoje. Ofereço as seguintes observações como uma estrutura a partir da qual prosseguir à tarefa do evangelismo. Obviamente, dadas as limitações de espaço, só posso esboçar algumas observações.

## O que é, e o que não é Evangelismo

Como crentes reformados, primeiro precisamos ter clareza sobre *o que é*

*evangelismo e não é*. Um ingrediente essencial que falta no movimento amigável é uma definição cuidadosa de evangelismo. Definido biblicamente, *evangelismo é a pregação do evangelho*. O verbo grego do qual derivamos nossa palavra inglesa “evangelizar” (*euangelizomai*) significa trazer ou anunciar o *euangelion*, o *evangelho*, a boa notícia ou a boa mensagem. O uso regular do verbo no Novo Testamento significa tornar conhecido, *verbalmente*, a boa mensagem, o evangelho cristão; e a propagação desse evangelho constitui evangelismo.

Sob essa luz, devemos ver o que o evangelismo não é. Em seu livro *A Missão Cristã no Mundo Moderno*, John R. W. Stott explica que o evangelismo não deve ser definido em termos dos destinatários do evangelho. Você não evangeliza as pessoas, você evangeliza a Palavra. Por exemplo, em Atos 14:7 lemos que “ali eles evangelizaram”, significando “ali eles pregaram o evangelho” (veja também Romanos 15:20). Da mesma forma, em Atos 8:4: eles “andaram evangelizando a Palavra”, enquanto Filipe em Samaria, versículo 12, “evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo” (Atos 8:12). A palavra “evangelismo” também pode ser associada a lugares onde o

evangelho foi pregado. Por exemplo, os apóstolos “evangelizaram muitas aldeias dos samaritanos” e Filipe “evangelizou todas as cidades” ao longo da costa palestina (Atos 8:25, 40) – ou seja, o evangelho foi pregado aos habitantes dessas cidades e aldeias.

Em segundo lugar, não devemos definir o evangelismo de acordo com os resultados. Como Stott observa perspicazmente: “Não há menção nestes versículos se a palavra que foi “evangelizada” foi crida, ou se os habitantes das cidades e vilas “evangelizadas” foram convertidos. “Evangelizar” no uso do Novo Testamento não significa ganhar convertidos, como costuma acontecer quando usamos a palavra. Evangelismo é o anúncio das boas novas, independentemente dos resultados.

O movimento amigável e a maior parte do evangelicalismo americano precisam deste corretivo.

É comum, claro, que os evangélicos pensem no evangelismo como “ganhar pessoas para Cristo” ou “convertê-las ao evangelho” ou “conduzi-las ao Senhor”. E esse é certamente o objetivo do evangelismo. Mas evangelizar em si significa pregar o evangelho. E é por

isso que o evangelismo nunca deveria ser definido em termos de sucesso. Não devemos pensar no evangelismo como pregar o evangelho para alcançar o resultado desejado. Isso seria definir o evangelismo em termos de resultado. Não é nossa tarefa tornar o evangelho “bem sucedido” ou manipular um certo “resultado”. Na verdade, se essa fosse a meta, grande parte do evangelismo registrado no Novo Testamento falharia nesta prova.

Há trinta e seis anos, J. I. Packer escreveu que “a maneira de saber se de fato você está evangelizando não é perguntar se há conversões resultantes de seu testemunho. É perguntar se você está divulgando fielmente a mensagem do evangelho.”

A essência do evangelismo, então, é a proclamação fiel do evangelho. Sim, queremos ver conversões. Não, não somos indiferentes ao efeito que o evangelho tem nas pessoas. Na verdade, oramos pela conversão e participamos na alegria no céu quando isso acontece (Lucas 15:7). Mas se a conversão não acontecer, o pecador indiferente e impenitente foi evangelizado mesmo assim, ou seja, ele ainda ouviu o evangelho, a boa mensagem.



Em terceiro lugar, o evangelismo segue um único caminho – que é a pregação da Palavra. Por pregação não me refiro a um discurso tópico, com alguns versículos bíblicos acrescentados no final. Me refiro a uma exposição, explicação e aplicação do texto. Certamente, o pregador que prega aos incrédulos precisa estar ciente da ignorância deles. Talvez ele até precise explicar por que está pregando com base na Bíblia. Ele certamente precisa ter tato. Não há razão para ser áspero. Mas não precisamos truncar o evangelho ou tentar eliminar suas arestas para torná-lo atraente para os desigrejados - e por uma razão muito simples: os apóstolos não o fizeram. Paulo, por exemplo, não tinha vergonha de pregar a “ressurreição de Cristo”, embora a ressurreição fosse uma coisa muito áspera, difícil de ser aceita pelos incrédulos. A ressurreição, no entanto, está no centro da mensagem do evangelho. É a própria essência das boas novas, embora não tenha valor terapêutico imediato.

Por último, é essencial enfatizarmos o “Evangelho” no evangelismo. O método amigável de evangelismo tenta “embelezar” tanto o evangelho quanto o destinatário do evangelho. Assim, a ênfase muda da mensagem para o meio

ou método de apresentar a mensagem. A forma usurpa uma posição de autoridade sobre o conteúdo. E quando isso acontece, não podemos deixar de nos perguntar se os convertidos são convertidos para o conteúdo ou apenas para a forma. Eu, por exemplo, não duvido que o evangelho é pregado e aparece em alguns cultos de adoração amigáveis aos que buscam. Mas eu me pergunto em que contexto isso acontece, isto é, depois de quantas coisas pré-evangelísticas e não-evangelísticas? Será que os convertidos são, então, convertidos ao evangelho de Jesus Cristo, fugindo desesperadamente dos seus pecados, suplicando a cruz, rendendo-se ao senhorio de Cristo? Ou são convertidos ao programa de uma igreja, às suas comodidades, à sua opulência, à sua posição, ao seu pessoal talentoso? Quando damos a alguém o que ele deseja, será que estamos apenas convertendo-o a esses “desejos” em vez de a Cristo?

Consequentemente, é essencial que protejamos a natureza teocêntrica do evangelho contra as suas falsificações centradas no homem. Por exemplo, o nosso ponto de contato com os não-cristãos é a mensagem: “Deus te ama”? Ou o nosso ponto de contato é a mensagem: “Deus te criou”? A questão é

de autoridade. Deus é um amigo que vai te ajudar? Ou Deus é um rei que irá salvá-lo? Sim, é verdade que Deus pode ser amigo e rei, assim como é verdade que Deus pode nos amar e também ser nosso criador. Mas a questão é se o evangelho que levamos para o “Fulano desigrejado” será o evangelho bíblico, centrado em Deus. Em outras palavras, o incrédulo precisa de amor, ajuda e amizade em primeiro lugar, ou ele precisa de uma nova natureza – uma nova mente, coração e vontade – o que as Escrituras chamam de renascimento? Novamente, o incrédulo pode muito bem precisar tanto de amizade humana quanto de renascimento. Não é à toa que a Bíblia fala sobre a comunhão dos crentes. Mas qual destes, comunhão ou renascimento, constitui a essência da mensagem do evangelho? Sabemos que não é o primeiro! Portanto, quando fazemos o nosso apelo ao incrédulo, deveríamos apelar aos desejos ou necessidades sentidas desse incrédulo, ou deveríamos levar as verdades das Escrituras à sua consciência? Fazer a pergunta é respondê-la.

O evangelho deve ser evangelizado, ou seja, o evangelho deve ser pregado. É disso que o incrédulo precisa. Mais especificamente, ele precisa ouvir três

pontos essenciais do evangelho se quiser viver e morrer na alegria de pertencer a Jesus Cristo e experimentar a verdadeira conversão. Primeiro, o incrédulo deve ser ensinado quão grande é o seu pecado e a sua miséria; segundo, ele deve ser ensinado como pode ser libertado do seu pecado e miséria; e, finalmente, ele deve ser ensinado a expressar gratidão por tal libertação. As partes um e três talvez careçam de algo muito amigável. Sejam claros sobre o que o evangelho é e o que não é, para que possamos igualmente ser claros sobre o que o evangelismo é e o que não é.

## Seja Apaixonado pelo Evangelismo

Sejam também apaixonados pelo evangelismo. Existe alguma razão para que as igrejas confessionalmente reformadas não devam ser tão deliberadas e comprometidas com o evangelismo como as igrejas amigáveis? As igrejas sensíveis ao que busca podem ter uma paixão genuína por alcançar almas perdidas para Cristo. Podemos sempre dizer o mesmo de nossas igrejas? Parte essencial da abordagem sensível ao que busca é o “evangelismo por amizade” de seus membros (“testemunhar”).

Os defensores do movimento amigável não têm medo de fazer amizade com pessoas pagãs profanas, egocêntricas e sem igreja, num esforço para trazê-las à igreja. Devemos aprender com o exemplo deles.

Talvez em nossos esforços para alcançar os incrédulos e entendê-los, para, sim, entrar na mente dos desigrejados, teremos que tratar a bagagem cultural que nossas igrejas podem estar carregando. Não podemos impedir desnecessariamente o alcance aos não-cristãos por causa de uma cultura eclesiástica que não é orientada pelo evangelho. Tenho certeza de que há uma série de pequenas coisas que poderíamos fazer para tornar um culto solene menos ameaçador e mais acolhedor para uma pessoa desigrejada, sem comprometer de forma alguma os princípios reformados de adoração.

Sim, o discernimento é necessário. Ao procurar entender os incrédulos, o nosso objectivo não pode ser satisfazer os caprichos e desejos do incrédulo, sancionar a sua teologia distorcida, deixá-lo escapar facilmente, deixá-lo navegar no conforto do seu agnosticismo. Em vez disso, o nosso objectivo deve ser desafiá-lo sabiamente em relação

à sua falsa teologia, mostrando-lhe as verdadeiras doutrinas de Deus, da humanidade, de Cristo, da salvação e dos resultados finais. Não podemos fazer rodeios em relação a estas coisas. Mas primeiro devemos ir! Devemos nos importar! Devemos ser apaixonados pelo evangelismo!

## **Igrejas Sensíveis ao Pecador**

As chamadas da paixão podem ser alimentadas pela promessa de Deus em Atos 2:39, à qual aludimos anteriormente: “A promessa é para vós e para os vossos filhos, e para todos os que estão longe – para todos os que o Senhor nosso Deus chamar”.

Como povo reformado que preza a aliança, não caímos no antigo erro judaico de pensar que a promessa do evangelho é apenas para nós, pessoas nascidas na aliança. Há também aqueles que estão longe, a quem Deus chamará.

Assim como tem havido uma tendência por parte de alguns crentes reformados de usar a doutrina da eleição como uma ocasião para orgulho espiritual e presunção, também a doutrina da aliança tem sido mal utilizada por alguns para promover o elitismo espiritual,

com uma conseqüente negligência do alcance evangelístico. Em outras palavras, os crentes passam a imaginar que são crentes por nascimento, e não por renascimento; eles pensam que têm o favor de Deus pela linhagem sanguínea em vez do sangue de Cristo, ou que são filhos de Deus por causa da carne em vez do Espírito. Mas precisamos ver que nós, gentios segundo a carne, somos aqueles que estão longe. E a compaixão e a misericórdia que chegaram até nós, a salvação pela graça, são para todos os que estão longe, ou seja, “tantos quantos o Senhor nosso Deus chamar”. Deus escolheu Sua igreja como o vaso através do qual esse chamado chega aos pecadores. Na verdade, como ouvirão, a menos que alguém lhes pregue?

Ao proclamar o chamado do evangelho, no evangelismo, vamos manter diante de nós as palavras de Colossenses 4:2-6, pois elas delineiam uma estratégia sobre como devemos nos comportar em relação aos incrédulos:

“Perseverai na oração, vigiando com ações de graças. Suplicai, ao mesmo tempo, também por nós, para que Deus nos abra porta à palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual

também estou algemado; para que eu o manifeste, como devo fazer. Portai-vos com sabedoria para com os que são de fora; aproveitai as oportunidades. A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um.”

Sejamos igrejas sensíveis ao pecador.

---

**Dr. J. Mark Beach** é pastor Associado na Igreja Reformada Unida Redentor em Dyer, Indiana. Professor no Mid-America Reformed Seminary. Mestre em Divindade e Teologia, Doutor em Filosofia todos pelo Calvin Theological Seminary. O Dr. Beach obteve seu Ph.D. em Teologia Reformada da Reforma e Pós-Reforma.

# O Método de Evangelismo de Paulo

*por J. Wesley White*

O apóstolo Paulo não tinha um evangelismo “centrado na igreja”. O apóstolo Paulo ia aonde podia para pregar o evangelho. Em Atos 17:17, lemos que Paulo debateu nas sinagogas e na praça do mercado com aqueles que por acaso estavam lá. Acho que um dos grandes erros do cristianismo americano é pensarmos que os incrédulos deveriam vir à igreja para serem evangelizados, em vez de a igreja ir até eles para evangelizá-los.

## O que Paulo não Fez

O apóstolo Paulo não andou por Atenas perguntando às pessoas o que elas queriam em uma igreja e depois organizou grandes programas com música contemporânea e mensagens edificantes. Simplesmente não o vemos tentando construir uma igreja convidando incrédulos para a igreja. O

apóstolo Paulo foi até os incrédulos. Ele não esperou que eles viessem até ele.

O cristianismo americano está preso ao modelo de evangelismo do tipo “construa e eles virão”. Achamos que para alcançar nossos próximos para Cristo, devemos ter um culto de adoração onde eles venham e recebam Cristo.

Mas o que é “igreja”? O que Paulo chama de “reunir-se como igreja” é o momento em que os cristãos se reúnem para adorar o Senhor, louvando-O, ouvindo Sua Palavra e participando do sacramento. Este é um momento principalmente para o crente (nota: não estou dizendo que devemos desencorajar os incrédulos de virem se quiserem).

Mas o que um incrédulo pensa da igreja no sentido acima? De acordo com Hart & Muether em seu livro *With Reverence and Awe* (“Com Reverência e Temor”), “A verdadeira adoração, então, será estranha e talvez até esquisita para o mundo que a observa. Essa estranheza não é lamentável, mas essencial para o testemunho fiel da igreja”.

Visto que este é obviamente o caso, o que tem feito a maioria das igrejas americanas? Eles têm procurado tornar a igreja mais aceitável para os incrédulos.

Eles a encheram de coisas que são aceitáveis ao homem natural: música, teatro, humor e dicas para viver. Todas essas coisas não são tão estranhas ao homem natural. O problema é que o sobrenatural (o Deus santo e Seu evangelho) é frequentemente deixado de lado.

Por outro lado, imagine a alternativa. Digamos que você fale com um de seus amigos, vizinhos ou parentes sobre o evangelho de Jesus Cristo. Ele então se convence e decide que quer ser um seguidor de Cristo. Assim, você não precisará trabalhar muito para convencê-lo a ir à igreja. Na maioria das vezes, ele simplesmente verá isso como a resposta natural para se tornar um cristão. Desta forma, a igreja continua sendo o que deveria ser. Continua sendo uma reunião de crentes que ouvem a Palavra de Cristo para que possam recebê-Lo para justificação, santificação e salvação.

## O que Paulo Fez

Um problema que muitas vezes confronta aqueles que criticam a igreja moderna “sensível ao que busca” é que eles próprios têm pouco a oferecer. Eles não evangelizam muito por conta própria.



A igreja sensível ao que busca poderia responder como D. L. Moody: “O método que eu uso é melhor do que o método que você não usa”.

Então o que deveríamos fazer? A resposta é bem simples. Devíamos sair e conversar com as pessoas. Devíamos falar com quem quer que encontremos. Não devemos fugir daqueles que são inteligentes, ou daqueles que são pobres, ou daqueles que são “maus”. Deveríamos nos considerar devedores a todas as pessoas, isto é, aqueles que devem a todos contar-lhes sobre Jesus (Romanos 1:14).

Algumas pessoas podem pensar que esta forma é um tanto superficial e trata as pessoas como meros objetos de evangelismo e não como seres humanos. Embora, é claro, tal pensamento seja possível, não precisa ser assim. Em vez disso, deveríamos fazer isto por um amor genuíno por Cristo e pelos outros, reconhecendo que é genuinamente do melhor interesse de todos receber Cristo. Isto é exatamente o que Jesus disse. Devemos ir e pregar o evangelho a toda criatura (Marcos 16:15; cf. Mateus 28:19-20). Os apóstolos deveriam ser Suas testemunhas em Jerusalém, na Judéia e em Samaria e até os confins

da terra (Atos 1:8). A história de Atos mostra como os apóstolos viajaram por todo o mundo falando a verdade sobre Jesus onde quer que pudessem.

Isto é o que devemos fazer em nossos dias. Não devemos esperar que as pessoas venham até nós. Devemos ir até eles. Devemos descobrir onde as pessoas estão e ir até lá e pregar o evangelho. Esta é a missão especial dos pastores, mas é também o dever de todos os cristãos.

## **Objecções/desculpas comuns**

As pessoas vão pensar que sou estranho. Resposta: Isto é verdade, e penso que esta é a principal razão pela qual nós, na América, temos medo de dizer coisas sobre Cristo. Vivemos numa sociedade confortável e hesitamos em fazer qualquer coisa para perturbar isso. O que precisamos fazer é contrastar o pequeno sacrifício ser visto como estranhos com a reprovação de Cristo na cruz, que Ele suportou por nós, bem como com as multidões que sofreram muito, muito pior por Seu nome.

Tenho medo de argumentos e perguntas difíceis. Resposta: Então você deve estudar para poder responder melhor.

Mas não espere até ter estudado o suficiente. Confie no Senhor e no poder do Espírito Santo. Explique o que é o Cristianismo de uma forma humilde e gentil e confie que o Senhor o ajudará.

Prefiro ir com calma (preguiça). Resposta: Reservar algum tempo para relaxar e se refrescar é bom, mas não ao ponto de negligenciar nossos deveres. Além disso, mesmo quando estamos relaxando, ainda somos soldados de Cristo que continuam a servir no Seu exército.

Estou ocupado com outras coisas importantes. Resposta: Esta é provavelmente a desculpa mais proeminente para um pastor. Não há fim para administração, organização, visitas, reuniões e preparação para ensino/pregação. Contudo, precisamos ver que o evangelismo tem tanto direito ao nosso tempo como outros deveres do ministério. Devemos lembrar-nos da importância de trazer almas do reino de Satanás para o reino de Cristo. Deveríamos desejar sinceramente que Deus nos use para trazer muitas pessoas para o Seu reino.

Se forem eleitos, então me encontrarão. Resposta: Não usamos este tipo de raciocínio em nenhum outro lugar; por que deveríamos usá-lo aqui? Não

dizemos: “Se Deus quer que meu carro dê partida, ele dará partida sozinho”. Não. Reconhecendo a soberania de Deus, usamos os meios que Ele designou. Colocamos a chave na ignição e giramos. Assim é em todas as outras áreas da vida. Deus determina os fins e os meios, e não devemos esperar o fim sem fazer uso dos meios, que, neste caso, é falar a Palavra de Deus aos que nos rodeiam. Além disso, contar aos outros sobre o evangelho é uma ordem de Deus e uma glorificação a Deus.

Um pastor pode dizer: eu equivoquei os santos e eles evangelizam. Resposta: Você também deve liderar nesta área, e esta é a sua vocação. Se você não lidera no evangelismo, então não espere que as ovelhas o sigam no evangelismo. Eles preferirão segui-lo, não fazendo evangelismo.

Eu não sou pastor. Resposta: Você é um soldado de Jesus Cristo. Você é chamado para tornar Sua glória conhecida. Jesus não te salvou e você não O ama? Então, divulgue isso para as pessoas ao seu redor.

## Algumas sugestões práticas

Na verdade, há duas coisas que precisamos fazer para implementar esse método. Primeiro, comece com aqueles que você conhece. É fácil categorizar mentalmente quem é e quem não é um bom alvo para o evangelismo. Não faça isso. Pense em quem você conhece, ore por eles e procure falar-lhes sobre Cristo.

Segundo, descubra onde há pessoas e vá até lá. Não fique na sua zona de conforto. Tente conseguir novas pessoas. Na verdade, pense em todos os momentos em que você interage com as pessoas ao longo do dia e da semana. Aproveite o tempo para falar com eles e mostrar um interesse genuíno por eles. Depois ore para que o Senhor abra a porta para você contar a eles sobre Cristo.

Finalmente, ore por você e pelos outros para que você fale com ousadia. Se pedirmos a Deus que nos dê oportunidades de glorificar o Seu nome através do evangelismo, Ele as dará a nós! Busquemos, então, as oportunidades ao nosso redor e peçamos ao Senhor que nos abra as portas e nos abençoe quando passarmos por elas.

---

**J. Wesley White** é filho de pastor, neto de dois pastores e bisneto de missionários na África do Sul. Serviu como pastor em Dakota do Sul e depois por 9 anos no Tennessee. Se formou em História e Administração de Empresas na Indiana Wesleyan University. Mestre em Divindade pelo Mid-America Reformed Seminary e Th.M. pelo Greenville Presbyterian Theological Seminary. Doutor em Ministério (D.Min.) no Reformed Theological Seminary em Charlotte em 2020.

# O Novo Evangelismo: Um Alerta

por P. Andrew Sandlin

Recentemente, dei uma olhada em oito ou nove exemplares de uma revista religiosa fundamentalista popular. Ficou claro que seu objetivo era atizar as chamas do avivamento nos Estados Unidos e exortar os cristãos a tentarem obter mais conversões dos não salvos. Embora eu esteja grato pela preocupação, urgência e zelo da sua forma de pensar revivalista/evangelística, ao longo dos últimos anos tenho sido profundamente perturbado pelos principais

elementos deste raciocínio e estratégia. Os editoriais, artigos e reportagens recentemente lidos nesta revista apenas confirmam as minhas mais profundas suspeitas e, creio, validam as minhas objeções ao que considero uma farsa do evangelismo bíblico. Decidi, portanto, expressar de forma breve mas clara o meu desacordo.

Primeiro, o evangelismo revivalista contemporâneo parece ter permitido



— ou mesmo encorajado — o evangelismo genuíno degenerar numa atividade principalmente horizontal. Os cristãos aprendem, por exemplo, métodos específicos para garantir uma “decisão de salvação”.

Na verdade, existem manuais evangelísticos de como fazer isso, pelos quais alguém, se seguir o plano prescrito, terá a certeza de que será capaz de obter muitas “decisões” de salvação por parte dos não convertidos. Um renomado avivalista admite prontamente que seu plano de “evangelismo pessoal” se assemelha em grande parte ao de um vendedor tentando atrair um possível comprador.

Como tal, o evangelismo avivalista de hoje redirecionou o conceito de conversão de sua localização apropriada e bíblica (entre Deus e o homem) para uma expedita (entre o homem e o homem). Não incendeia tal carnalidade e mundanismo em você como em mim? A experiência de salvação não é mais percebida como “fazer negócios com Deus”, como diziam os antigos; em vez disso, é um esforço de recrutamento, muito parecido com tentar garantir a promessa de um amigo de ir à igreja no domingo.

Lutar com Deus pela conversão agora é coisa do passado. Por que afirmar a ideia puritana de salvação como um confronto direto com Deus (uma experiência que pode levar um tempo considerável) quando, ao aceitar um plano rápido, alguém pode ser imediatamente levado ao reino? Por que o evangelista precisa confiar no poder de Deus quando ele pode coagir o não salvo a “aceitar Cristo” imediatamente, descrevendo ao não convertido os horríveis tormentos do inferno (uma prática, aliás, que nenhum cristão nas Escrituras jamais empregou)? Por que, de fato, é necessário invocar o Todo-Poderoso ao declararmos o evangelho aos não salvos, já que, na prática, se não na teoria, é realmente uma transação humana? Certamente os pecadores serão graciosamente convertidos a qualquer momento que estiverem dispostos a se arrepender; mas como o falecido A. W. Tozer costumava dizer, para nosso próprio perigo falamos aos pecadores para entrarem no reino antes de estarem prontos.

Suspeito que grande parte do erro do evangelismo contemporâneo decorre da imprecisão teológica. Os revivalistas, por mais benéficos que tenham sido para a igreja cristã, não são conhecidos

pela sua ênfase na exposição completa da doutrina ou na formulação precisa da teologia bíblica. O evangelismo moderno, nas suas táticas, parece desconhecer, por exemplo, que a regeneração é uma obra de Deus, não do homem. Embora seja nossa responsabilidade testemunhar (“plantar” e “regar”, 1 Coríntios 3), somente Deus pode regenerar um espírito. Se a regeneração é percebida como uma obra humana, uma produção de um “ganhador de almas”, o elemento do miraculoso desapareceu tragicamente. A regeneração é um milagre, e apenas Deus realiza milagres.

Curiosamente, neste aspecto o evangelismo revivalista moderno atua de forma muito semelhante ao catolicismo romano, como o falecido D. Martyn Lloyd-Jones sabiamente salientou. O novo evangelismo praticamente limitou a resposta do pecador ao evangelho à aceitação de um conjunto de proposições. Alguém se torna católico romano ao afirmar um credo, um conjunto de doutrinas; e alguém se torna um “cristão” de acordo com o método neo-evangelístico ao aceitar um conjunto de crenças: eu sei que sou um pecador, eu sei que meu pecado me mandará para o inferno, eu sei que Cristo morreu por mim, eu vou aceitá-lo para ser

salvo. Contudo, como Lloyd-Jones nos lembra, ninguém se converte simplesmente pela aceitação de um conjunto de doutrinas ou proposições; a pessoa é convertida à medida que é confrontada pelo Deus vivo e é regenerada pelo Espírito de Deus.

Na execução do novo evangelismo, a atividade e o poder de Deus são minimizados e a capacidade e experiência do homem são magnificadas. As almas são “convertidas” quando dão consentimento mental a um programa pré-definido: um pecador ganha uma passagem para o céu (quem quer ir para o inferno?) e o “ganhador de almas” ganha outro amuleto para sua pulseira (quem quer ser considerado tão despreocupado com as almas?).

Em segundo lugar, o evangelismo moderno na tradição revivalista muitas vezes proporciona uma falsa garantia de salvação eterna. Por muito tempo considerei o desvio neo-revivalista simplesmente como uma questão de desacordo entre irmãos. Já não vejo isso tão superficialmente. Pois qualquer ensino que proporcione falsa segurança de salvação é herético. Um “convertido” que tenha afirmado o “credo”, mas nada conheça do poder regenerador do Espírito



de Deus, estará, no entanto, firmemente convencido da sua própria salvação pela simples razão de que aquele que o “conduziu ao Senhor” lhe disse que ao aceitar várias doutrinas bíblicas, ele se converte. E não importa que tipo de vida o aparente convertido viva ou quão grande seja o vazio espiritual em sua vida, ele está convencido – e geralmente não pode ser convencido de outra forma – de que é verdadeiramente filho de Deus por causa de sua decisão.

Talvez seja neste ponto que a visão da segurança orientada para a decisão seja mais prejudicial, porque tal ideia leva a uma visão da salvação orientada para a decisão. Em outras palavras, o “convertido” é avisado para se lembrar da data e da hora da sua decisão, pois assim poderá “lembrar ao diabo”, quando começar a duvidar da sua conversão, que um dia foi verdadeiramente convertido. Mas procurar-se-á em vão nas Escrituras qualquer ensinamento de que a segurança está fundamentada numa decisão que tomamos. Pelo contrário, a primeira Epístola de João ensina que temos certeza da nossa salvação se demonstrarmos as marcas de uma pessoa convertida (1 João 5:13, etc.).

Os filhos de Deus têm dentro de si Sua semente espiritual e não podem deixar de manifestar a verdadeira espiritualidade; faz parte da sua natureza; e visto que a conversão é uma alteração da natureza de um indivíduo, um cristão manifestará naturalmente as características de um cristão. Uma pessoa não convertida pode se esforçar para manifestar essas marcas, mas eventualmente fracassará; inversamente, uma pessoa verdadeiramente convertida pode, às vezes, manifestar as marcas de uma pessoa não salva, mas eventualmente falhará porque tem a semente de Deus nela. Muitos indivíduos “convertidos” sob o ensino do evangelismo contemporâneo sentem que a sua salvação é válida e segura por causa de uma decisão que tomaram uma vez, não percebendo (tragicamente) que é a sua própria vida que evidenciará a sua conversão. Apon-tar para uma suposta experiência para garantia é totalmente desnecessária.

Terceiro, grande parte do evangelismo revivalista diz pouco – e não poderia dizer muito – sobre o senhorio de Cristo na conversão. Na verdade, a maioria dos evangelistas modernos opõe-se firmemente ao que chamam de “Salvação pelo Senhorio”, acusando os seus adeptos de ensinarem a doutrina

herética da salvação pelas obras e de exigirem demasiado de um pecador. Raramente se recorre às Escrituras. Os neo-evangelistas não reconhecem, por exemplo, que em Mateus 16 Jesus advertiu que aqueles que se recusassem a negar-se a si mesmos, a tomar a Sua cruz e a segui-Lo, “perderiam a sua própria alma”. Os revivalistas modernos muitas vezes tentam isolar a salvação do discipulado, mas serão duramente pressionados à luz desta passagem e de muitas outras para fazê-lo de forma válida.

Nosso Senhor informou ao jovem rico que ele não poderia herdar a vida eterna a menos que vendesse todos os seus bens e O seguisse. Em João 8, Jesus Cristo informou a muitos dos judeus que criam nEle que eles deveriam continuar em Sua palavra se quisessem ser Seus discípulos; infelizmente, esses mesmos judeus que criam em Cristo ainda não eram convertidos. Nessa linha, os revivalistas contemporâneos erram em dois pontos.

Primeiro, eles não parecem compreender o plano eterno e geral de Deus para a humanidade, mas vêem apenas uma parte dele. Parece que reconhecem que Deus “quer manter as almas fora do

inferno”, mas não parecem compreender que a libertação da reprobção é apenas uma dimensão secundária do desígnio de Deus. O objetivo principal de Deus na salvação é redimir para Si mesmo um povo que caiu no pecado e assim se tornou Seu inimigo, e restaurá-lo a um lugar de obediência voluntária e a uma comunhão com seu Criador, começando agora e continuando por toda a eternidade (Efésios 1). A salvação do inferno é apenas um “subproduto” do plano principal de Deus. Os neo-revivalistas tentam produzir tantos convertidos quanto possível, uma vez que assim já possuirão a salvação eterna; e mais tarde, os convertidos são exortados a se submeterem ao senhorio de Cristo, “colocarem tudo no altar” e assim por diante. Mas o próprio propósito da conversão é trazer um inimigo de Deus de volta à harmonia com o seu criador e motivar uma submissão voluntária da criatura ao Criador. Se a submissão ao Senhorio de Cristo não for uma característica principal da conversão, então a conversão não tem sentido.

Segundo, os evangelistas revivalistas não distinguem, ao que parece, a base da salvação dos seus meios. A base da salvação é somente a morte

de Cristo (Romanos 5:8, 9). E nossos meios de salvação incluem crença, arrependimento, fé e oração. Ninguém é salvo por crer, pois a crença é uma obra (João 6:29) e a salvação não é por obras (Efésios 2:8, 9). Os homens são salvos pela graça de Deus com base na morte sacrificial de Cristo. Mas embora os homens não sejam salvos pela crença ou pela fé, ainda assim eles não são salvos sem crença e fé. Seria bom para alguns dos evangelistas modernos ler quão cuidadosamente esta verdade bíblica é articulada por muitos dos puritanos. Os revivalistas modernos acusam seus oponentes de ensinar que um indivíduo é convertido “ao fazer de Cristo o Senhor de sua vida”; mas esta é uma acusação injusta e imprecisa. Simplesmente afirmamos que a submissão ao senhorio de Cristo é inerente ou um resultado natural ou evidência da conversão; conseqüentemente, qualquer pessoa que não queira submeter-se ao senhorio de Cristo está apenas demonstrando que nada sabe sobre a obra iluminadora ou regeneradora do Espírito Santo.

Devemos ser lembrados de que muitos cristãos sérios abraçam o evangelismo moderno, e não devemos tratá-los como tratamos os falsos mestres não convertidos; devemos amá-los, sim amá-los ternamente como filhos de Deus, nossos irmãos e irmãs no Senhor. Não obstante, eles estão, em grande parte, cometendo erros que devem ser expostos bíblica e vigorosamente. Se não for exposto, continuará a produzir destruição não só dentro do corpo de Cristo, mas também entre os não salvos, que têm mais a perder com esta moderna invenção evangelística.

---

**P. Andrew Sandlin**, fundador e presidente do Center for Cultural Leadership, é um ministro ordenado e teólogo cultural comprometido em aplicar o cristianismo bíblico histórico no mundo contemporâneo. Ele se especializa em filosofia e teologia, ciência sociopolítica e história das ideias.

# O Papel do Pastor no Evangelismo

*por Brian G. Najapfour*

O trabalho de evangelismo não é apenas para pastores. Todos os crentes deveriam evangelizar; eles deveriam compartilhar o evangelho de Cristo com os incrédulos. Ao fazer isso, eles se tornam evangelistas. O título “evangelista” vem de uma palavra grega que significa simplesmente mensageiro do evangelho. Por exemplo, em Atos 21:8 Filipe é chamado de “o evangelista”. Filipe não era um pastor ordenado, mas era um evangelista porque “pregou boas novas sobre o reino de Deus e o nome de Jesus Cristo” (Atos 8:12). Assim, em termos gerais, qualquer pessoa que promulgue fielmente as boas novas é um evangelista. Contudo, estritamente falando, um evangelista é uma pessoa divinamente dotada, cujo chamado principal é proclamar o

evangelho num lugar onde o evangelho ainda não foi proclamado (Efésios 4:11). Atuando como missionário, um evangelista não fica em um só lugar, mas segue para outro lugar para continuar seu trabalho de evangelismo. O pastor, por outro lado, permanece na sua congregação para pastorear-los. No entanto, na prática, todos os pastores são evangelistas. Todos os pastores deveriam ser anunciadores do evangelho. O Apóstolo Paulo, escrevendo ao seu colega ministro da Palavra, diz: “Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faz o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério” (2 Timóteo 4:5). Todos os pastores são chamados a “fazer o trabalho de um evangelista”, que é declarar a mensagem da cruz. O que se

segue é um breve estudo de alguns dos papéis de um pastor no evangelismo.

## Orar Evangelisticamente

Os pastores têm um papel importante no trabalho de evangelismo. Primeiro, um pastor deve orar evangelisticamente. Ele deveria passar algum tempo orando regularmente especificamente pelas almas perdidas. Paulo fez isso: “Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos” (Romanos 10:1). Com a ajuda de Deus, um ministro deveria aprender a orar com George Whitefield (1714-1770), um evangelista inglês: “Ó Senhor, dá-me almas, ou leva a minha alma!” Um pastor também deve orar a Deus pedindo paixão pelos perdidos. Jesus, o Maior Evangelista, teve compaixão pelos pecadores (Mateus 9:36). O ministério de evangelização se tornará um fardo para o pastor se ele não tiver paixão. Ele deveria, portanto, orar com o escritor do hino, Herbert G. Tovey (1888-1972):

*Dá-me uma paixão pelas almas, querido  
Senhor,  
Uma paixão por salvar os perdidos;  
Ó, que Teu amor fosse adorado por todos,  
E bem-vindo a todo custo.*

*Jesus, eu anseio, anseio para ganhar  
Homens que estão perdidos e pecando  
constantemente;*

*Ó, que esta hora seja de começar  
A história do perdão de contar.*

*Embora existam perigos incalculáveis e  
severos*

*Confrontando-me no caminho,  
De bom grado eu ainda iria, nem me  
viraria,*

*Mas confiaria em Ti pela graça todos os  
dias.*

*Como essa paixão pelas almas será  
minha?*

*Senhor, deixa a resposta clara;*

*Ajude-me a lançar a antiga linha da vida  
Para aqueles que estão lutando perto.*

## Pregar Evangelisticamente

Segundo, um pastor deve pregar evangelisticamente. Ele deve sempre apresentar o evangelho em seus sermões. Com cuidado, ele deve dirigir-se tanto aos crentes como aos incrédulos na sua pregação. Amorosamente ele deve chamar os não convertidos ao arrependimento e encaminhá-los ao Senhor Jesus Cristo para salvação. Um pastor também deve ensinar aos crentes o mandato de testemunhar de Cristo. Muitos não evangelizam simplesmente por ignorância. Um pastor tem um papel fundamental na instrução e na

preparação dos cristãos para a grande obra de ganhar almas.

## Viver Evangelisticamente

Terceiro, um pastor deve viver evangelisticamente. Os incrédulos deveriam ver o evangelho em sua vida. Ele deveria criar entre eles uma sede e uma fome de Cristo. Ele deveria compartilhar o evangelho com seus filhos não convertidos em casa. Na sua comunidade, ele deve desenvolver amizades com os seus vizinhos e alcançá-los com a mensagem da cruz. Na sua congregação, ele deve dar um bom exemplo, envolvendo-se pessoalmente no trabalho de evangelismo e missões. Os membros da igreja serão mais encorajados a evangelizar se virem o seu pastor fazendo um esforço para ganhar almas para Cristo. Ele deve sempre procurar ativamente oportunidades para evangelizar em qualquer lugar e a qualquer hora.

Por natureza, não temos interesse no evangelho; somos totalmente deprimidos. Um pastor deve levar a mensagem de salvação, confiante de que Deus pode salvá-lo. Ele deveria reconhecer humildemente que sem a ajuda do Espírito Santo nada pode fazer. Se as pessoas rejeitam a oferta do evangelho, ele

não deve desanimar, pois o seu trabalho não é salvar os pecadores, mas encaminhá-los para o Salvador – o Senhor Jesus Cristo. Alguém disse uma vez: “Um evangelista é um ninguém que procura contar a todos sobre Alguém que pode ajudar a mudar qualquer um”.

## Contribuir Evangelisticamente

Finalmente, um pastor deve contribuir evangelisticamente. Conforme o Senhor lhe permitir, um ministro deve apoiar financeiramente o ministério de evangelismo e missões. Paul Lee Tan conta a história de Robert Arthington, de Leeds, formado em Cambridge. Arthington “vivia em um único quarto, cozinhando suas próprias refeições; e ele deu 500.000 libras às missões estrangeiras, com a condição de que tudo fosse gasto em trabalho pioneiro dentro de vinte e cinco anos.” Mais tarde, Arthington escreveu: “De bom grado eu faria do chão minha cama, de uma caixa minha cadeira e de outra caixa minha mesa, em vez de que os homens perecessem por falta do conhecimento de Cristo”. Da mesma forma, David Brainerd (1718-1747), um missionário entre os índios americanos, que morreu aos 29 anos de

idade por causa da tuberculose, disse: “Não me importa onde moro, ou quais dificuldades passo, para que possa apenas ganhar almas a Cristo. Enquanto durmo, sonho com essas coisas; assim que acordo, a primeira coisa que penso é neste grande trabalho. Todo o meu desejo é a conversão dos pecadores, toda a minha esperança está em Deus”. Quantos pastores hoje podem dizer como Brainerd: “Não me importa onde moro, ou quais dificuldades passo, para que possa apenas ganhar almas para Cristo”?

O Maior Evangelista disse aos Seus discípulos: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos; orai, pois,

com fervor ao Senhor da messe, para que mande trabalhadores para a sua messe” (Mateus 9.37-38).

As igrejas hoje precisam de mais trabalhadores. Oremos para que Deus nos dê mais trabalhadores que tenham paixão pelos perdidos.

---

**Dr. Brian G. Najapfour** nasceu e foi criado nas Filipinas, possui um ThM pelo Puritan Reformed Theological Seminary e um PhD pela Theological University of Apeldoorn. Ele é ministro do evangelho desde 2001 e já serviu tanto nas Filipinas quanto nos EUA. Atualmente, vive no Canadá, onde pastoreia a Heritage Reformed Congregation em Jordan, Ontário. Ele é autor e coeditor de vários livros e contribuiu com diversos artigos para revistas, periódicos e enciclopédias.